

ANÁLISE E COMPARAÇÃO DE TRADUÇÕES: UM ENFOQUE PRAGMÁTICO

Afonso Celso da Cunha Serra
Curso de Especialização em Tradução - PUC-RJ

A - Introdução

NESTE TRABALHO, PROCURO ANALISAR E COMPARAR duas traduções para o português do conto de Oscar Wilde “The Sphinx without a Secret”, à luz dos princípios gerais e dos critérios específicos propostos por Walter Carlos Costa em sua tese de doutorado *A Linguistic Approach to the Analysis and Evaluation of Translated Texts*.

O texto em inglês foi extraído de *Great Short Works of Oscar Wilde*, editado por Jason S Roberts, Barnes & Noble Books, New York, 1993. As traduções são de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, em *Mar de Histórias*, Antologia do Conto Mundial, 5º Volume: Realismo, Editora Nova Fronteira, 1981, e de Octavio Mendes Cajado, em *Contos de Oscar Wilde*, Editora Cultrix, São Paulo, 1986.

Para facilitar a visualização e análise, o original e a tradução foram divididos em pequenos trechos, não coincidentes com os parágrafos, mas que representam, tanto quanto possível, unidades de compreensão, sem maiores quebras no ritmo da narração. Estes pequenos trechos foram inseridos abaixo, um em seguida ao outro, alternadamente, na seguinte ordem: (1) o original em inglês, (2) a tradução de Aurélio/Rónai (3) a tradução de Cajado. Em anexo, estão os textos integrais do original e das duas traduções.

B - Princípios gerais e principais critérios da tese

Resumidamente, os princípios gerais propostos por Costa, que refletem sua visão da tradução em si, são os seguintes (item 4.1):

- A tradução é um texto, ao invés de um conjunto de períodos (*sentence phenomenon*).
- Pode haver diferentes traduções, de boa qualidade, de um mesmo texto-fonte.
- Mesmo as traduções deficientes podem apresentar boas soluções parciais ou locais.
- As traduções se complementam reciprocamente.
- A avaliação adequada deve partir de um exame completo e sem preconceitos das traduções existentes.

Ainda como ponto de partida, é relevante para uma visão pragmática da tradução o conceito de que o *texto-alvo deve ser considerado como uma entidade autônoma, embora intimamente vinculada à sua fonte*. Assim, o texto-alvo apresenta um *aspecto dependente*, que tem a ver com sua *qualidade como tradução*, e um *aspecto autônomo*, que diz respeito à sua *qualidade como texto*. Daí emergem duas facetas de um mesmo fenômeno: a *equivalência propriamente dita*, que se atém às orações (clauses), e a *equivalência textual*, que vai além das orações, para considerar o texto como um todo. Este segundo aspecto, freqüentemente negligenciado, em face da preocupação dominante com o primeiro, vê a tradução como a *construção de um novo texto* ou *textualização* (item 1.1). Há casos, inclusive, em que o tradutor é melhor textualizador do que o autor do original, como ocorre com Baudelaire traduzindo Poe (item 1.2).

Igualmente com importantes implicações práticas é a tipologia de tradução proposta por Costa, com base nos dois princípios que

caracterizam “a luta feroz entre as *opções padronizadas* e as *opções criativas*” com que se defronta o escritor na elaboração de qualquer texto (item 1.3), denominados por Sinclair de *princípio da escolha livre* (open choice principle) e *princípio da idiomatismo* (idiom principle). Conforme o grau de preponderância de um ou outro princípio, com a maior ou menor utilização de expressões idiomáticas, colocações naturais e frases pré-fabricadas, Costa identifica os seguintes tipos básicos de tradução:

Tradução literal - o princípio da idiomatismo está quase ausente, ocorrendo apenas nos casos de perfeita correspondência entre os dois idiomas.

Tradução dinâmica - é o oposto do tipo anterior, utilizando-se expressões idiomáticas mesmo quando no texto-fonte há uma opção clara pelo princípio da livre escolha.

Tradução adequada - quando o texto-alvo preserva as características do texto-fonte quanto à preponderância de um ou outro princípio.

Tradução mais do que adequada - resulta da prevalência do princípio da escolha livre, que se impõe ao princípio da idiomatismo. São as traduções que os leitores perspicazes consideram “melhor que o original”.

Como critérios objetivos para a avaliação de traduções, Costa propõe, entre outros, os seguintes: (1) contagem de palavras, períodos e parágrafos, (2) quebras de equivalência grafológicas, (3) quebras de equivalência textuais: omissões, inserções e erros, (4) idiomatismo vs escolhas léxico-gramaticais, (5) registro e idioleto, (6) Padrões lexicais (7) relações de combinação, (8) Estilo e qualidade textual, (9) iconicidade léxica.

C - Análise e avaliação das traduções

1 - Contagem das palavras:

A contagem das palavras proporciona uma indicação razoavelmente precisa quanto à estratégia da tradução, em termos da prevalência do *princípio do idiomatismo* ou do *princípio da escolha livre*, em comparação com o texto original, pois o primeiro geralmente consome mais palavras que este último. O quadro abaixo mostra o número de palavras do original e das duas traduções:

Original	Aurélio/Rónai	Cajado
2120	1883	1836

Esse resultado sugere que as opções pelo idiomatismo foram mais comuns no original do que nas traduções, nas quais o princípio da escolha livre foi adotado com mais frequência. Como será visto adiante, essa indicação preliminar, que se depreende pela simples contagem das palavras, é compatível com a tendência de ambas as traduções em elevar o registro e reduzir o grau de coloquialismo e naturalidade do texto.

2- Comparação analítica das Traduções

One afternoon I was sitting outside the Café de la Paix, watching the splendour and shabbiness of Parisian life, and wondering over my vermouth at the strange panorama of pride and poverty that was passing before me, when I heard some one call my name. I turned round and saw Lord Murchison. We had not met since we had been at college together, nearly ten years before, so I was delighted to come across him again, and we shook hands warmly. At Oxford we had been great friends.

Uma tarde, sentado à porta do Café de la Paix, eu observava

o esplendor e a miséria da vida parisiense, *contemplando*, por cima do meu vermute, o estranho panorama do orgulho e pobreza que se me desenrolava ante os olhos, quando ouvi alguém pronunciar o meu nome. Voltei-me, e vi Lord Murchison. Não nos encontrávamos desde quando estudáramos no mesmo colégio, uns dez anos antes; estava, pois, encantado de o rever, e trocamos um caloroso aperto de mão. Tínhamos sido, em Oxford, grandes amigos.

Estava eu, uma tarde, sentado no terraço do Café de la Paix, observando o esplendor e a miséria da vida parisiense, e *meditando*, diante do meu vermute, no estranho panorama de orgulho e de pobreza que desfilava à minha frente, quando ouvi alguém chamar-me pelo nome. Voltei-me e dei com Lord Murchison. Não nos víamos desde que tínhamos estado juntos no colégio, havia *seguramente* uns dez anos, de sorte que fiquei encantado com o encontro, e aper-tamos calorosamente as mãos. Tínhamos sido amicíssimos em Oxford.

A opção de Cajado, ao traduzir “wondering” como “meditando”, pode ser considerada como um “desvio” em relação ao original, no sentido de uma quebra de equivalência que não chega a ser um erro. A escolha do tradutor reduz o conteúdo ideativo do original, uma vez que “to wonder” não é apenas meditar (“If you wonder at something, you are surprised and amazed about it”, *Collins Cobuild, English Dictionary*, 1995, p. 1928; “to be filled with awe, marvel”, *Random House Webster’s College Dictionary*, 1995, p. 1532). A opção de Aurélio e Rónai por “contemplando” parece mais adequada, por manter o conteúdo ideativo do original (“olhar, observar, atenta ou embevecidamente; considerar com admiração ou com amor”, *Novo Dicionário Aurélio*, 1986, p. 463).

O termo “seguramente”, que aparece na tradução de Cajado, resulta de uma inserção do tradutor, pois não existe no original. De certa forma, entra em choque com a indefinição ou aproximação do original (“*nearly ten years before*”) e da própria tradução (“uns

dez anos”). Segundo Costa, muitos leitores com acesso ao original consideram a inserção um dos aspectos mais desconfortáveis das traduções.

I had liked him immensely, he was so handsome, so high-spirited, and so honourable. We used to say of him that he would be the best of fellows, if he did not always speak the truth, but I think we really admired him all the more for his frankness. I found him a good deal changed. He looked anxious and puzzled, and seemed to be in doubt about something. I felt it could not be modern scepticism, for Murchison was the stoutest of Tories, and believed in the Pentateuch as firmly as he believed in the House of Peers: so I concluded that it was a woman, and asked him if he was married yet.

Gostava imensamente dele: era tão elegante, tão bem-humorado e tão honesto! Costumávamos dizer que ele seria o melhor dos companheiros se não falasse sempre a verdade, mas o certo, creio eu, é que o admirávamos ainda mais pela sua franqueza. Achei-o bastante mudado. *Havia no seu olhar* inquietação e embaraço, e parecia estar em dúvida sobre alguma coisa. Senti que isso não seria nenhum ceticismo da moda, pois era Murchison o mais valente dos tóris, e acreditava no Pentateuco tão firmemente quanto na Câmara dos Pares; concluí, portanto, que naquilo andava *rabo-de-saia*, e perguntei-lhe se já se casara.

Eu gostara imensamente dele, tão belo, tão jovial e tão correto! Costumávamos dizer, a seu respeito, que seria o melhor dos homens se não falasse sempre a verdade, mas creio que a mesma franqueza constituía, realmente, um motivo a mais para a nossa admiração. Encontrei-o muito mudado. Parecia ansioso, confuso e em dúvida sobre alguma coisa. Percebi que não seria uma crise de ceticismo moderno, pois Murchison era o mais intransigente dos Tories, e cria tão firmemente no Pentateuco quanto acreditava na Câmara dos Lordes; deduzi, portanto, que se tratava de

uma mulher, e *perguntei-lhe se continuava casado*.

Ao traduzirem “He looked anxious and puzzled...,” por “Havia no seu olhar inquietação e embaraço...”, Aurélio e Rónai não mantiveram o idiomatismo do original (“princípio do idiomatismo”) e optaram pela livre escolha das palavras (“princípio da livre escolha”), com alguma deturpação do original, ainda que sem quebrar a naturalidade do texto. O texto em inglês refere-se à aparência do personagem e à impressão por ele causada no observador (“You use look when describing the appearance of a person or thing or the impression that they give”, *Collins Cobuild English Dictionary*, 1995, p. 987). Na tradução, a inquietação e embaraço estariam apenas no olhar, ao invés de transparecerem também no aspecto total e nas atitudes gerais do personagem. Talvez Aurélio e Rónai tenham exercido essa opção para manter as duas orações do original e a distinção entre “looked” e “seemed”. Cajado preferiu conservar a idiomatismo, ainda que somente com uma oração. Ademais, os dois verbos em inglês podem ser considerados sinônimos (“Seem - ...Synonyms: seem, appear, look. The central meaning shared by these verbs is ‘to present the appearance of being’, seems angry, appears skeptical, looks happy”, *The American Heritage Dictionary, Third Edition*).

A expressão “rabo-de-saia”, utilizada por Aurélio e Rónai, conigura uma clara mudança de registro, com a adoção de um nível de formalidade mais baixo, incompatível com os personagens, com o texto e com a alusão, imediatamente seguinte, à possível esposa de Gerald. Note-se que a expressão foi empregada pelo narrador enquanto tal, ou seja, dirigindo-se à audiência, e não como personagem do conto, num diálogo com o amigo e antigo colega, agravando a impropriedade da mudança de registro, por afetar o aspecto interpessoal do texto, ou seja, a relação narrador-leitor.

Cajado traduziu “...and asked him if he was married yet” como “...e perguntei-lhe se continuava casado”, totalmente diferente da tradução de Aurélio e Rónai: “...e perguntei se já se casara”. Parece que a escolha correta é a segunda. (“yet - in negative and conditional

contexts and in contexts indicating ignorance or uncertainty, usually in end position, but also immediately after not P already by this or that time, up to now, up to then: ...I wonder whether they have finished the work yet; ...I doubt if he has read it yet [exemplo da edição de 1991 do mesmo dicionário, p.1487]; *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 1984, p. 999"). Aliás, o texto dá a entender que os amigos não tinham notícias um do outro desde os tempos de colégio, tornando pouco provável que o narrador tivesse sabido do casamento de Gerald.

"I don't understand women well enough," he answered.

"My dear Gerald," I said, "women are meant to be loved, not to be understood."

"I cannot love where I cannot trust," he replied.

"I believe you have a mystery in your life, Gerald," I exclaimed; "tell me about it."

"Let us go for a drive," he answered, "it is too crowded here. No, not a yellow carriage, any other colour - there, that dark green one will do;" and in a few moments we were trotting down the boulevard in the direction of the Madeleine.

— Não compreendo bem as mulheres — respondeu ele.

— Meu caro Geraldo — disse-lhe eu —, as mulheres foram feitas para serem amadas, e não para serem compreendidas.

Ao quê ele contraveio:

— Eu não posso amar se não posso confiar.

— Penso que você tem um mistério na sua vida, Geraldo; fale-me sobre isto.

— Vamos dar uma volta — propôs. — Há muita gente aqui. Não, um carro amarelo, não; de outra cor — ali, aquele verde escuro está bom.

E momentos depois trotávamos bulevar abaixo na direção da Madalena.

— Não compreendo suficientemente as mulheres, — respondeu-me.

— Meu querido Gerald, — *retruquei* — as mulheres fizeram-

se para ser amadas, não para serem compreendidas.

— Não posso amar sem poder confiar, — tornou ele.

— Creio que você tem um mistério na vida, Gerald — exclamei; — *conte-mo*.

— Vamos dar uma volta, — *redarguiu* — aqui há muita gente. Não, um carro amarelo, não; qualquer outra cor; olhe, aquele verde-escuro *há de servir*.

E, momentos depois, trotávamos pelo bulevar na direção da Madeleine.

Cajado eleva acentuadamente o registro do narrador e dos personagens, mesmo levando-se em conta as marcas de época e de classe social. A tradução “as mulheres *fizeram-se* para *ser* amadas, não para *serem* compreendidas” quebra a naturalidade e a ironia fina de Wilde, seja pelo uso da voz passiva através do pronome e não por meio do verbo auxiliar, seja pelo emprego das formas flexionada e inflexionada do infinitivo, uma ao lado da outra. Também caracterizam a elevação do nível de informalidade termos como “retruquei”, “redarguiu”, “conte-mo”, “há de servir”.

“Where shall we go to?” I said.

“Oh, anywhere you like!” he answered - “to the restaurant in the Bois; we will dine there, and you shall tell me all about yourself.”

“I want to hear about you first,” I said. “Tell me your mystery.”

He took from his pocket a little silver-clasped morocco case, and handed it to me. I opened it. Inside there was the photograph of a woman. She was tall and slight, and strangely picturesque with her large vague eyes and loosened hair. She looked like a clairvoyante and was wrapped in rich furs.

— Aonde iremos? — perguntei.

— Oh, aonde você quiser! Ao restaurante do Bois²; jantaremos lá, e você me contará tudo o que tem feito.

— *Preciso ouvi-lo primeiro* — disse-lhe eu. — Conte-me o seu mistério.

— Tirou da algibeira um pequeno estojo de marroquim com fecho de prata e o passou às minhas mãos. Abri-o. Dentro dele estava a fotografia de uma mulher. Era alta e esbelta, e estranhamente pinturesca, com os seus olhos grandes e vagos e os seus cabelos soltos. *Olhava como uma clarividente*, e achava-se envolvida em ricas peles.

— Aonde iremos? — perguntei.

— Aonde você quiser! — retrucou. — Ao restaurante do Bois; lá jantaremos, e você me contará o que lhe tem acontecido.

— Quero ouvir primeiro a sua história, — *obtemperei*. — Conte-me o seu mistério.

Ele tirou do bolso uma carteirinha de marroquim com fecho de prata e *passou-ma*. Abri-a. Dentro dela encontrei a fotografia de uma mulher alta e magra, estranhamente pitoresca com grandes olhos vagos e os cabelos soltos. *Dir-se-ia uma clairvoyante* envolta em riquíssimas peles.

Aurélio e Rónai traduzem “I want to hear about you first” como “Preciso ouvi-lo primeiro”. Aqui, constata-se um desvio dos tradutores em relação ao original. Houve uma quebra de equivalência na utilização de “precisar”, ao invés de “querer”, verbos com significados diferentes, e na omissão de “about you”, embora implícito. A escolha de Cajado foi mais fiel ao original, ao adotar o verbo “querer”, e introduzir “a sua história”, no sentido de “about you”. Aurélio e Rónai incorrem numa quebra de equivalência parecida com outra já comentada neste trabalho, ao traduzirem “she looked like a *clairvoyante*” por “olhava como uma clarividente”. (Look [to sb] like sb/sth - have the appearance of sb/sth; suggest by appearance that...It looks like salt and its salt,...that photograph doesn't look like her at all; *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 1991, p. 736”). Mais do que um desvio, parece que, no caso, estamos diante de um erro de tradução.

A tradução de Cajado mantém a característica de elevar o

registro, o que fica claro no uso de “obtemperei”, que se entende como uma tentativa de evitar repetir o verbo “dizer”, e “passou-ma”, uma forma arcaica, praticamente em desuso. Em “dir-se-ia uma *clairvoyante*”, além da elevação do registro, constata-se um desvio em relação ao original, pela adoção de uma forma rebuscada de expressar a semelhança, no lugar da opção simples e idiomática do texto em inglês.

“What do you think of that face?” he said; “is it truthful?” I examined it carefully. It seemed to me the face of some one who had a secret, but whether that secret was good or evil I could not say. Its beauty was a beauty moulded out of many mysteries - the beauty, in fact, which is psychological, not plastic - and the faint smile that just played across the lips was far too subtle to be really sweet.

“Well,” he cried impatiently, “what do you say?”

“She is the Gioconda in sables,” I answered. “Let me know all about her.”

“Not now,” he said; “after dinner,” and began to talk of other things.

— Que tal lhe parece esse rosto? É sincero?

Examinei-o cuidadosamente. *Afigurava-se-me* o rosto de alguém que tinha um segredo, mas se este segredo era bom ou mau eu não o saberia dizer. Sua beleza era uma beleza moldada em muitos mistérios — a beleza, de fato, que é psicológica e não plástica —, e o *frouxo* sorriso que lhe brincava nos lábios era em extremo sutil para ser realmente doce.

— Bem — gritou ele impaciente —, que diz você?

— É a Gioconda em peles de marta — respondi. — Por favor, conte-me o que sabe a respeito dela.

— Agora, não; depois do jantar.

E pôs-se a falar de outras coisas.

— Que me diz deste rosto? — perguntou; — é veraz?

— Examinei-o com cuidado. Pareceu-me o rosto de alguém

que tivesse um segredo, mas eu não saberia dizer se era bom ou mau o segredo. A sua beleza era feita de muitos mistérios — uma beleza psicológica, não plástica — e o tênuo sorriso que lhe brincava entre os lábios, demasiado sutil, não podia ser realmente meigo.

— E então, — exclamou, impaciente, — que me diz?

— É a Gioconda de zibelina, — respondi. — Conte-me tudo a respeito dela.

— Agora, não, — contraveio; — depois do jantar.

E pôs-se a falar em outras coisas.

Neste trecho, as traduções são bastante semelhantes. Desta vez, Aurélio e Rónai elevaram o registro, ao optarem por “afigurava-se-me”, na tradução de “it seemed to me”. Também é interessante comparar as duas traduções para “faint smile”. A escolha da dupla de tradutores — “Frouxo sorriso” — parece menos usual e mais carregada de conotações do que a opção de Cajado — “tênuo sorriso”. Na mesma linha de raciocínio, Aurélio e Rónai prosseguem na insinuação de valores, ao empregar um intensificador mais forte na qualificação da sutileza do sorriso.

When the waiter brought us our coffee and cigarettes I reminded Gerald of his promise. He rose from his seat, walked two or three times up and down the room, and, sinking into an arm-chair, told me the following story:

“One evening,” he said, “I was walking down Bond Street about five o’clock. There was a terrific crush of carriages, and the traffic was almost stopped. Close to the pavement was standing a little yellow brougham, which, for some reason or other, attracted my attention. As I passed by there looked out from it the face I showed you this afternoon. It fascinated me immediately.

Quando o garçom nos trouxe o café e os cigarros, lembrei a Geraldo o cumprimento da promessa. Ele se levantou, caminhou duas ou três vezes ao longo da sala e, afundando-se numa poltrona, narrou-me a seguinte história:

— Uma tarde, aí pelas cinco horas, *eu subia a Bond Street*. Havia uma tremenda confusão de veículos e o tráfego estava quase parado. Ao pé da calçada via-se um pequeno carro amarelo, que, por este ou aquele motivo, me chamou a atenção. Quando eu passava por ele, olhou para fora o rosto que lhe mostrei esta tarde. Imediatamente me fascinou.

Quando o *criado* nos trouxe o café e *charutos*, lembrei-lhe a promessa. Ergueu-se Geraldo da cadeira, deu duas ou três voltas pela sala e, deixando-se cair em uma poltrona, contou-me a seguinte história:

— “Uma tarde”, começou, — “estava eu descendo Bond Street cerca das cinco horas. *Ocorrera tremenda colisão de carros*, e o tráfego fora quase paralisado. Junto do passeio estava um pequeno *brougham* amarelo, que, por uma razão qualquer, me chamou a atenção. E quando passeio por ele, *assomou à portinhola* o rosto que lhe mostrei esta tarde. Fascinou-me instantaneamente.

Ao traduzir “waiter” por “criado”, quando a equivalência natural seria “garçom”, sobretudo no contexto de um restaurante, Cajado não só se desvia do original, como ainda eleva o registro. Logo adiante, o mesmo tradutor emprega o termo “charutos” para o inglês “cigarettes”. Mais do que um desvio, esta quebra de equivalência pode ser considerada um erro, pois a distinção é clara entre “cigarettes” (a small roll of finely cut tobacco for smoking, enclosed in a wrapper of thin paper, *The American Heritage Dictionary of the English Language, Third Edition*) e “cigar” (a compact roll of tobacco leaves prepared for smoking, idem). É curioso observar que as escolhas de Cajado (“criado” e “charutos”) são coerentes na conotação de um contexto de maior sofisticação e ainda se enquadram na tendência desse tradutor de elevar o registro.

Aurélio e Rónai cometem um engano, mais uma distração do que um erro, ao traduzirem “I was walking down Bond Street” como “eu subia a Bond Street”.

Os dois textos são bem diferentes na tradução de “There was a

terrific crush of carriages...”: “Havia uma tremenda confusão de veículos...” e “Ocorrerá tremenda colisão de carros...”. A opção mais adequada é a de Aurélio e Rónai. (“A crush is a closely-packed crowd of people, in which it is difficult to move”, *Collins Cobuild English Dictionary*, 1995, p.395). Talvez Cajado tenha cometido um lapso, pela influência de “crash” (“a crash is an accident in which a moving vehicle hits something and is damaged or destroyed”; *Collins Cobuild English Dictionary*, 1995, p.382).

Ambas as traduções contornaram a busca de uma equivalência direta para “brougham” (“a four-wheeled, boxlike closed carriage, with the driver’s perch outside”; *Random House Webster’s*, 1995, p.175). Aurélio e Rónai optaram pelo termo genérico “carro”, ao passo que Cajado simplesmente manteve a palavra em inglês. A solução de Aurélio e Rónai tem natureza semelhante à de uma omissão, ao passo que Cajado, inevitavelmente, teria visto no termo uma “iconicidade léxica”, ou seja, uma relação intertextual, formada por um único ítem, com características grafológicas diferenciadas. A saída seria ou uma breve descrição do tipo de veículo ou a utilização de um termo correspondente em português, talvez “berlinda”, cujas características parecem corresponder às do “brougham” e é a equivalência proposta por Houaiss (“Brougham s. berlinda, coche de quatro rodas; tipo de limusine com o acento do motorista fora da caixa”; *Dicionário Inglês-Português*, editado por Antônio Houaiss, 1982, pg. 92).

Cajado manteve o registro elevado, incompatível com o texto em inglês, ao traduzir “looked out from it” como “assomou à portinhola”. A escolha de Aurélio e Rónai, “olhou para fora”, está bem mais próxima do original, além de soar mais natural.

All that night I kept thinking of it, and all the next day. I wandered up and down that wretched Row, peering into every carriage, and waiting for the yellow brougham; but I could not find ma belle inconnue, and at last I began to think she was merely a dream. About a week afterwards I was dining with Madame de Rastail. Dinner was for eight o’clock; but at half-past eight we were still waiting in the

drawing-room. Finally the servant threw open the door, and announced Lady Alroy. It was the woman I had been looking for.

Levei toda a noite pensando nele, e todo o dia seguinte. Percorri abaixo e acima o diabo daquela rua, espreitando cada *carro*, na esperança de ver o *carro* amarelo; mas não pude encontrar *ma belle inconnue*³, e, por fim, comecei a pensar que ela não passava de um sonho. Cerca de uma semana depois eu jantava com Madame de Rastail. O jantar estava marcado para as oito horas; porém às oito e meia ainda nos achávamos esperando na sala de visitas. Afinal, o criado abriu a porta e anunciou Lady Alroy. Era a mulher de quem eu andara no encalço

Fiquei pensando nele a noite inteira e todo o dia seguinte. Subi e desci não sei quantas vezes o *maldito Row*, examinando cada carro, e sempre à espera do *brougham* amarelo; mas não consegui rever *ma belle inconnue*, e *acabei-me persuadindo* de que fora tão-somente um sonho. Uma semana depois, mais ou menos, fui jantar em casa de Madame de Rastail. O jantar *marcara-se* para as oito; mas já eram oito e meia e ainda estávamos esperando na sala de estar. Finalmente, o criado abriu a porta e anunciou Lady Alroy. Era a mulher que eu andara procurando.

Cajado evita a tradução de “row” e, novamente, de “brougham”, mantendo, desnecessariamente, os dois termos em inglês, como se fossem “ícones léxicos”, que não é o caso. “Row” pode ser traduzido como “rua”, que foi a solução de Aurélio e Rónai (“a street formed by two continuous lines of buildings”, *Random House Webster’s*, 1995, p.1173), tanto que, às vezes, é usado nos nomes de ruas em inglês (“Row is sometimes used in the names of streets. ...the house at 236 Larch Row”, *Collins Cobuild English Dictionary*, 1995, p. 1451). A tradução de “brougham” por “carro” ou a manu-tenção do termo em inglês já foram comentadas acima. A melhor

equivalência parece ser “berlinda”.

A escolha de Cajado para “I began to think”, como “acabei-me persuadindo”, foge da tradução natural e direta e eleva indevidamente o registro, além de soar estranha a colocação do pronome. Cajado mantém a tendência de elevar o registro e usar expressões canhestras em “O jantar marcara-se para as oito...”, logo adiante. Em ambos os trechos, o tradutor não mantém o idiomatismo (“princípio do idiomatismo”) do original e opta pela livre escolha das palavras (“princípio da livre escolha”).

She came in very slowly, looking like a moonbeam in grey lace, and, to my intense delight, I was asked to take her into dinner. After we had sat down, I remarked quite in-nocently, 'I think I caught sight of you in Bond Street some time ago, Lady Alroy.' She grew very pale, and said to me in a low voice, 'Pray do not talk so loud; you may be overheard.' I felt miserable at having made such a bad beginning, and plunged recklessly into the subject of the French plays. She spoke very little, always in the same low musical voice, and seemed as if she was afraid of some listening. I felt passionately, stupidly in love, and the in-definable atmosphere of mystery that surrounded her excited my most ardent curiosity.

Entrou bem devagar, semelhante a um raio de lua em rendas cinzentas, e, para meu vivo prazer, fui convidado a condizila à mesa. Depois que nos sentamos, eu disse muito inocentemente: — “Penso que a vi em Bond Street, há algum tempo, Lady Alroy”. Ela fez-se muito pálida, e disse-me em voz baixa: — “Não fale tão alto, por favor; pode ser que o ouçam.” Senti-me lastimável por haver começado tão mal, e mergulhei afoito no assunto das peças francesas. Ela falou muito pouco, sempre na mesma voz baixa e musical, e era como se tivesse receio de que alguém a escutasse. Fiquei apaixonadamente, estupidamente enamorado, e a indefinível atmosfera de mistério que a envolvia me excitava a mais ardente curiosidade.

Entrou muito devagar, como um raio de luar enfeitado de rendas cinzentas e, para minha imensa satisfação, pediram-me que a acompanhasse à mesa. Depois que nos sentamos, observei, inocente:

“— Creio que a vi em Bond Street alguns dias atrás, Lady Alroy.”

Ela ficou muito pálida e disse-me, em voz baixa:

“— Por favor, não fale tão alto; podem ouvi-lo.”

Senti-me *vexadíssimo* por haver começado tão desastrosamente, e passei a falar, com indiferença, sobre o tema das peças francesas. Ela falava muito pouco, sempre com a mesma voz baixa e musical, e parecia receosa de que a ouvisse alguém. Apaixonei-me perdida, estupidamente, e a indefinível atmosfera de mistério que a rodeava me excitou, ardente, a curiosidade.

A tradução de Cajado para “miserable” como “vexadíssimo” não parece ser a melhor opção e, de novo, é um desvio em relação ao original (“If you are miserable, you are very unhappy. I took a series of badly paid secretarial jobs which made me really miserable...She went to bed, miserable and depressed”; *Collins Cobuild English Dictionary*, 1995, p. 1059). O principal sentido de “vexado” é “envergonhado”, embora “vexar” possa significar “causar tormento a; atormentar, maltratar, maltratar” (*Novo Dicionário Aurélio*, 2ª Edição, 26ª Impressão, p. 1772).

When she was going away, which she did very soon after dinner, I asked her if I might call and see her. She hesitated for a moment, glanced round to see if any one was near us, and then said, ‘Yes; to-morrow at a quarter to five.’ I begged Madame de Rastail to tell me about her; but all that I could learn was that she was a widow with a beautiful house in Park Lane, and as some scientific bore began a dissertation on widows, as exemplifying the survival of the matrimonially fittest, I left and went home.

Quando ela ia saindo, o que fez logo após o jantar, perguntei-lhe se podia visitá-la. Hesitou um momento, relanceou os olhos em torno a ver se havia alguém perto de nós, e respondeu: — “Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.” Pedi a Madame de Rastail que me falasse a respeito dela; mas tudo quanto pude saber foi que era uma viúva dona duma bela casa em Park Lane, e, como um *cacete científico encetou* uma dissertação acerca de viúvas, para exemplificar a sobrevivência dos matrimonialmente mais capazes, retirei-me e fui para casa.

Quando ela se despediu, pouco depois do jantar, perguntei-lhe se poderia fazer-lhe uma visita. Ela hesitou por um momento, relanceou os olhos em torno a ver se havia alguém por perto, e respondeu:

“— Sim; amanhã, faltando um quarto para as cinco.”

Pedi a Madame de Rastail que me contasse toda a sua história; mas fiquei sabendo apenas que era uma viúva com uma bonita casa em Park Lane, e como um sujeito cacete com ares científicos entrasse a dissertar sobre viúvas, como exemplo da sobrevivência dos matrimonialmente mais aptos, saí e fui para casa.

Cajado desvia-se do original ao traduzir “when she was going away” como “quando ela se despediu”, uma quebra de equivalência sem maiores consequências, mas totalmente desnecessária, pois o texto em inglês não dá lugar a dúvidas e variações. A opção de Aurélio e Rónai para a tradução de “a scientific bore” parece pouco adequada e soa estranho, pelo emprego de “cacete” como substantivo. A mesma dupla de tradutores eleva o registro, em “encetou uma dissertação”, ao recorrer a um verbo pouco usual em português para traduzir “begin”, que se enquadra na faixa das palavras mais comuns em inglês, entre as cinco categorias de frequência do *Collins Cobuild English Dictionary*.

“The next day I arrived at Park Lane punctual to the moment, but was told buy the butler that Lady Alroy had just gone

out. I went down to the club quite unhappy and very much puzzled, and after long consideration wrote her a letter, asking if I might be allowed to try my chance some other afternoon. I had no answer for several days, but at last I got a little note saying she would be at home on Sunday at four and with this extraordinary postscript: 'Please do not write to me here again; I will explain when I see you'. On Sunday she received me, and was perfectly charming; but when I was going away she begged of me, if I ever had occasion to write to her again, to address my letter to 'Mrs Know, care of Whittaker's Library, Green Street.' 'There are reasons,' she said, 'why I cannot receive letters in my own house.'

“No dia seguinte cheguei a Park Lane pontualmente na hora marcada, mas soube pelo mordomo que Lady Alroy tinha saído naquele instante. Dirigi-me ao clube, muito infeliz, aturdido em extremo, e, depois de refletir bem, escrevi-lhe uma carta, perguntando-lhe se podia ter ocasião de vê-la outra tarde qualquer. Dias e dias esperei em vão a res-posta; afinal, recebi um bilhete em que ela me dizia que estaria em casa no domingo às quatro horas, e com este ex-traordinário pós-escrito: “Por obséquio, não me escreva mas para aqui; quando nos virmos lhe direi a razão.” Rece-beu-me no domingo, e mostrou-se absolutamente encan-tadora; mas, quando eu ia saindo, rogou-me que, se acaso lhe escrevesse outra vez, endereçasse a carta a ‘Mrs. Knox, aos cuidados da Biblioteca Whittaker, Green Street’. ‘Há motivos — acrescentou — que me impedem de receber cartas em minha própria casa.”

“No dia seguinte, cheguei a Park Lane pontualmente à hora aprazada, mas informou-me o mordomo que Lady Alroy acabara de sair. *Guiei* para o clube sentindo-me infelicíssimo e extremamente intrigado e, depois de muito pensar, escrevi-lhe uma carta, *rogando-lhe* me fosse permitido tentar a sorte outra tarde. Não obtive resposta por vários dias, mas, afinal, recebi uma notinha em que ela prometia estar em casa no domingo, às quatro, e *aditava-lhe* este extraordi-

nário pós-escrito:

“— Por favor, não torne a escrever-me para cá; explicar-lhe-ei quando nos virmos.”

“Recebeu-me no domingo e mostrou-se perfeitamente encantadora; mas quando eu já ia saindo, implorou-me que, se acertasse de escrever-lhe outra vez, endereçasse a carta para “Mrs. Knox, aos cuidados da Whittaker’s Library, Green Street”.

“— Há razões, — ajuntou, — por que não posso receber cartas em minha casa.”

“Guiiei para o clube”, na tradução de Cajado, como equivalente para “I went down to the club”, tem o sentido um tanto arcaico e pouco comum de “ir, dirigir-se, encaminhar-se”, como se vê em Machado de Assis, em contos consagrados como *Missa do Galo* (“Saí à rua e achei o vizinho que esperava. *Guiamos* dali para a igreja”) e *Conto de Escola* (De repente, disse comigo que o melhor era a escola. E *guiiei* para a escola.”). O leitor menos avisado pode facilmente entender o verbo na acepção de “conduzir ou dirigir um veículo até o clube”, que não é certamente o significado do texto em inglês. No caso, constata-se uma injustificada elevação de registro, quando a equivalência mais natural seria a adotada por Aurélio e Rónai.

Cajado também se desviou do original ao empregar o verbo “rogar” para traduzir “ask”, que, no caso, tem a acepção de “perguntar”. (“If you ask someone something, you say something to them in the form of a question because you want to know the answer... She asked me if I’d enjoyed my dinner...”; Collins Cobuild English Dictionary, 1995, pg 86). Ainda que na acepção de “pedir”, também existente, “ask” não poderia ser traduzido como “rogar”, cujos equivalentes em inglês são, entre outros, “crave, beseech, implore, entreat”. Ambos os desvios, numa avaliação mais severa, talvez pudessem ser classificados como erros, embora seja sempre difícil distinguir entre um afastamento consciente do original e uma interpretação inadequada por conhecimento deficiente da língua.

Ainda na tradução de Cajado, constata-se uma inserção desnecessária em "...e aditava-lhe este extraordinário pós-escrito". O verbo não consta do original e prejudica o idiomatismo e a fluência da tradução, contribuindo também para elevar o registro.

"All through the season I saw a great deal of her, and the atmosphere of mystery never left her. Sometimes I thought she was in the power of some man, but she looked so unapproachable that I could not believe it. It was really very difficult for me to come to my conclusion, for she was like one of those strange crystals that one sees in museums, which are at one moment clear, and at another clouded. At last I determined to ask her to be my wife: I was sick and tired of the incessant secrecy that she imposed on all my visits, and on the few letters I sent her. I wrote to her at the library to ask her if she could see me the following Monday at six. She answered yes, and I was in the seventh heaven of delight. I was infatuated with her : in spite of the mystery, I thought then - in consequence of it, I see now. No; it was the woman herself I loved. The mystery troubled me, mad-dened me. Why did chance put me in its track?"

"Durante toda a estação eu a via com frequência, e a atmosfera de mistério nunca a deixou. Às vezes *cuidava que ela vivia com algum homem*, mas parecia tão inacessível que eu não poderia crer nisto. Era-me realmente muito difícil chegar a alguma conclusão, pois ela assemelhava-se a um desses estranhos cristais que a gente vê em museus, os quais num instante são claros e noutros escuros. *Por fim, deliberei perguntar-lhe se queria casar comigo*: estava cansado e farto do interminável sigilo que ela impunha acerca de todas as minhas visitas e das raras cartas que eu lhe mandava. Escrevi-lhe para a biblioteca, perguntando se poderia encontrar-se comigo segunda-feira, às seis horas. Respondeu-me afirmativamente, e eu fiquei no sétimo céu. Estava apaixonado por ela: apensar do mistério, pensava então; por causa dele, vejo agora. Não; era aquela mulher a

quem eu bamava. O mistério perturbava-me, enlouquecia-me. Por que a pusera o acaso no meu caminho?”

“Durante toda a temporada, vi-a muitas vezes, e nunca a deixava a atmosfera de mistério. Às vezes cuidava eu que ela estivesse em poder de algum homem, mas parecia-me, ao mesmo tempo, tão inacessível, que eu *repugnava* a idéia. Era-me, de fato, difícilimo chegar a alguma conclusão, pois ela se mostrava como um daqueles estranhos cristais que se vêem nos museus, ora claros, ora empanados. Afinal, determinei-me a pedir-lhe que se tornasse minha esposa: sentia-me farto e cansado do incessante mistério que ela me impunha a todas as visitas e às poucas cartas que lhe dirigia. Escrevi-lhe, endereçando a carta para a livraria, e perguntando se poderia receber-me na segunda-feira seguinte, às seis. Ela respondeu-me afirmativamente, e eu me senti ascender ao sétimo céu das delícias. Estava *enrabiado* por ela: apesar do mistério, supunha então — por causa dele, reconheço-o agora. Não; era a mulher em si que eu amava. O mistério perturbava-me, enlouquecia-me. Por que me colocou o destino na sua pista?”

Aurélio e Rónai desviam-se do original e deturpam o sentido ao traduzirem “Sometimes I thought she was in the power of some man” por “Às vezes, cuidava que ela vivia com algum homem”. O original tem a conotação de algo não voluntário, a contragosto, de algum modo forçado, de submissão. O sentido do original fica claro quando se consulta o *The Original Roget's Thesaurus of English Words and Phrases* (Americanized Version, 1994) e se verifica que “in the power of” se encontra no mesmo grupo de “in the hands of”, “in the clutches of”, “under the control of”, “at the mercy of”, “under the sway of”, “under one’s thumb”, no artigo “subject”, sob o título “subjection”. Todo ar de segredo e mistério que envolve Lady Alroy, suas atitudes e comportamentos estranhos, levam Gerald a supor que ela se encontra em alguma situação constrangedora, independentemente de sua vontade. A tradução

simplesmente omite todo esse conjunto de circunstâncias.

A dupla de tradutores também se afasta desnecessariamente do texto em inglês em “Por fim, deliberei perguntar-lhe se queria casar comigo”, opção que também conteria uma quebra de idiomatismo. Em se tratando de casamento, os termos usuais são “pedir” e “pedido”, em todas as suas variações. É possível que tenha ocorrido uma confusão entre duas acepções do verbo “ask”, como “perguntar” (if you ask someone something, you say something to them in the form of a question because you want to know the answer, “...She asked me if I’d enjoyed my dinner...”; *Collins Cobuild English Dictionary*, 1995, p. 86) e “pedir” (if you ask someone to do something, you tell them that you want them to do it, “we had to ask him to leave”, “idem, p. 87”).

Ao traduzir “but she looked so unapproachable that I could not believe it” como “mas parecia-me, ao mesmo tempo, tão inacessível, que eu repugnava a idéia”, Cajado desvia-se desnecessariamente do original, não mantém o idiomatismo e eleva o registro. Nesse trecho, a tradução de Aurélio e Rónai soa muito mais natural e direta, além de manter a equivalência com o texto em inglês.

Invertendo sua tendência de elevação do registro, Cajado utiliza um termo popular, “enrabichado”, para traduzir “infatuated”, que tem uma conotação pejorativa, refletindo melhor do que Aurélio e Rónai o sentido do texto em inglês. (“Infatuated - usually derogatory, filled with a strong, unreasonable, but usually not long lasting, feeling of love”; *Longman Dictionary of Contemporary English*, 1988, 1988, pg 536). No *Roget’s Thesaurus of English Words and Phrases*, “infatuated” aparece no mesmo grupo de palavras de “mad on”, “besotted”, “crazy about”, “wild about”, “mad about”, “head over heels in love”.

“You discovered it, then?” I cried.

“I fear so,” he answered. “You can judge for yourself.”

“When Monday came round I went to lunch with my uncle, and about four o’clock found myself in the Marylebone Road.

My uncle, you know, lives in Regent’s Park. I wanted to get

to Piccadilly, and took a short cut through a lot of shabby little streets. Suddenly I saw in front of me Lady Alroy, deeply veiled and walking very fast. On coming to the last house in the street, she went up the steps, took out a latch-key, and let herself in. 'Here is the mystery', I said to myself; and I hurried on and examined the house. It seemed a sort of place for letting lodgings. On the doorstep lay her handkerchief, which she had dropped. I picked it up and put it in my pocket. Then I began to consider what I should do. I came to the conclusion that I had no right to spy on her, and I drove down to the club. At six I called to see her. She was lying on a sofa, in a tea-gown of silver tissue looped up by some strange moonstones that she always wore. She was looking quite lovely

— Então — exclamei — descobriu o segredo?

— Desconfio que sim — respondeu. — Você julgará por si mesmo.

— “Na segunda-feira fui almoçar com *minha tia*, e aí pelas quatro horas me encontrava na Marylebone Road. *Minha tia*, como sabe, mora em Regent’s Park. *Tive de ir a Piccadilly*, e enveredei por um atalho através duma porção de ruelas pobres. De súbito vi diante de mim Lady Alroy, *rigorosamente velada* e caminhando muito depressa. Ao chegar à última casa da rua, subiu os degraus, tirou uma chave e entrou. — “Eis aqui o mistério” — disse comigo mesmo; piquei o passo e examinei a casa. Parecia uma espécie de casa de cômodos. Na soleira da porta jazia o seu lenço, que ela deixara cair. Apanhei-o e meti-o no bolso. E pus-me a pensar no que devia fazer. Cheguei à conclusão de que não tinha o direito de vigiá-la, e segui para o clube. Às seis horas fui ter com ela. *Deitada num sofá, com um vestido de tecido prateado preso no alto por algumas estranhas labradoritas, que sempre usava, estava maravilhosamente bela.*

— Descobriu-o, então? — inquiri.

— Receio que sim — conveio ele. — Julgue por si mesmo.

“Na segunda-feira, fui almoçar com meu tio e, lá pelas quatro horas, encontrei-me em Marylebone Road. Meu tio, como você sabe, mora em Regent’s Park. Querendo chegar a Piccadilly, resolvi cortar caminho por uma série de ruas miseráveis. De súbito, vi à minha frente Lady Alroy com um denso véu sobre o rosto, e andando muito depressa. Ao alcançar a última casa da rua, subi os degraus, tomou de uma chave, e entrou.

“— Aqui está o mistério, — disse eu entre mim.

“E, apertando o passo, examinei a casa. Parecia um desses edifícios em que se alugam cômodos. À porta, jazia-lhe o lenço, que ela deixara cair. Apanhei-o e meti-o no bolso. Depois, comecei a pensar no que haveria de fazer. Cheguei à conclusão de que não tinha o direito de espíá-la e fui para o clube. Às seis, procurei-a em casa. Encontrei-a deitada em um sofá, com um vestido prateado, seguro por umas estranhas pedras lunares que ela sempre usava. Estava lindíssima.

Aurélio e Rónai traduziram “my uncle” por “minha tia”. Trata-se de uma distração sem maiores consequências, que não chega a comprometer a compreensão do texto. De qualquer forma, é um desvio em relação ao original. A mesma dupla de tradutores também se afasta do original ao traduzir “I wanted to get to Picadilly” como “Tive de ir a Picadilly”, quando, evidentemente, o natural seria usar “querer” (vontade, desejo) ao invés de “ter” (necessidade, obrigação). Ambos os desvios são tão óbvios que se assemelham mais a uma falha do tradutor como “copista”. Ao optarem pela expressão “rigorosamente velada”, como equivalente a “deeply veiled”, parece que os mesmos tradutores ficaram excessivamente presos ao original e acabaram produzindo uma tradução um tanto canhestra e pouco idiomática. Embora se afastando ligeiramente do original, a opção de Cajado — “com um denso véu sobre o rosto” — parece preferível, por soar muito mais natural.

Aparentemente, as duas traduções procuraram evitar a repetição assinalada no trecho seguinte: “*She was lying on a sofa, in a tea-*

gown of silver tissue looped up by some strange moonstones that she always wore. *She was looking quite lovely*". A escolha de Aurélio e Rónai consistiu na eliminação de um dos verbos e na fusão das duas orações, com a conseqüente alteração da pontuação, caracterizando uma quebra grafológica em relação ao original. Cajado optou por preservar os dois verbos, as duas orações e a pontuação, mas evitou a repetição, empregando verbos diferentes. Com isso, manteve uma equivalência muito mais próxima do original e um estilo mais natural.

'I am so glad to see you', she said; 'I have not been out all day.' I stared at her in amazement, and pulling the handkerchief out of my pocket,, handed it to her. 'You dropped this in Cumnor Street this afternoon, Lady Alroy,' I said very calmly. She looked at me in terror, but made no attempt to take the handkerchief. 'What were you doing there?' I asked. 'What right have you to question me?' she answered. 'The right of a man who loves you,' I replied; 'I came here to ask you to be my wife.' She hid her face in her hands, and burst into floods of tears. 'You must tell me,' I continued. She stood up, and, looking me straight in the face, said, 'Lord Murchison, there is nothing to tell you'. — 'You went to meet some one,' I cried; 'this is your mystery.' She grew dreadfully white, and said, 'I went to meet no one.' — 'Can't you tell the truth?' I exclaimed. 'I have told it,' she replied. I was mad, frantic; I don't know what I said, but I said terrible things to her. Finally I rushed out of the house.

"Estou muito contente em vê-lo — declarou. — Passei o dia todo em casa." Encarei-a espantado e, sacando o lenço do bolso, entreguei-lhe. — "A senhora deixou cair isto em Cumnor Street, esta tarde, Lady Alroy", — disse, muito calmo. Ela fitou-me com pavor, mas não procurou tomar o lenço. — "Que estava fazendo lá?" — perguntei. — "Que direito tem o senhor a fazer-me perguntas?" — respondeu. — "O direito de um homem que a ama. *Vim aqui saber se a*

senhora quer ser minha esposa.” Ela tapou o rosto com as mãos e desfez-se em lágrimas. Insisti: — “A senhora tem de me dizer.” Levantou-se e, olhando-me de frente, replicou: — “Lord Murchison, não há nada que lhe dizer.” — “A senhora foi encontrar-se com alguém!” — exclamei. — “Eis o seu mistério.” Ela tornou-se mortalmente pálida: — “Eu não fui encontrar-me com ninguém.” “Não pode dizer a verdade?” — gritei. — “Eu a disse” — respondeu ela. Eu estava louco, furioso; não sei o que disse, mas fo-ram coisas terríveis. Por fim, saí precipitadamente.

— Folgo tanto em vê-lo, — disse ela; — não saí de casa o dia todo.

“Considerarei-a com assombro e, tirando o lenço do bolso, *estendi-lho.*

“— Deixou cair isto em Cunnor Street hoje à tarde, Lady Alroy, — *afirmei com a maior calma do mundo.*”

Ela fitou em mim os olhos aterrados, mas não fez um gesto sequer para pegar o lenço.

“— Que estava fazendo lá? — perguntei.”

“— Que direito tem de interrogar-me? — tornou ela.

“— O direito de um homem que a ama, — repliquei: — vim aqui para pedir-lhe que se tornasse minha esposa.”

Ela escondeu o rosto entre as mãos e prorrompeu em soluços.

“— Precisa dizer-me,” — insisti.

Ela ergueu-se em pé, e, encarando comigo, bradou:

“— Lord Murchison, não há nada que lhe dizer.”

“— A senhora foi lá para encontrar-se com alguém, — clamei; — é esse o seu mistério.”

Tornou-se-lhe o rosto mortalmente pálido e ela atalhou:

“— Não fui encontrar-me com ninguém.”

“— Não pode dizer-me a verdade?”

“— Já a disse, — acudiu ela.

Eu estava louco, fora de mim; não sei o que lhe falei, mas foram coisas terríveis. Afinal, saí da casa como um doído.

Em “Vim aqui saber se a senhora quer ser minha esposa”, Aurélio e Rónai insistiram em traduzir “ask”, claramente no sentido de “pedir”, por “perguntar”, querer saber”, como já havia ocorrido anteriormente. A repetição e a coerência sugerem que se trata de um desvio consciente, embora sem razão aparente. No entanto, apesar do renome dos tradutores, não se pode afastar a hipótese de confusão entre as duas acepções do verbo em inglês.

Cajado mantém a tendência à elevação do registro e a um certo arcaísmo no estilo ao traduzir “handed it to her” como “estendi-lho”. Mais adiante, em “afirmei, com a maior calma do mundo” estabelece um contraste um pouco chocante com a dramaticidade do momento, ao desviar-se do original, pelo uso de uma expressão mais idiomática e coloquial, com uma certa conotação de bazófia e jactância.

She wrote me a letter the next day; I sent it back unopened, and started for Norway with Alan Colville. After a month I came back, and the first thing I saw in the Morning Post was the death of Lady Alroy. She had caught a chill at the Opera, and had died in five days of congestion of the lungs. I shot myself up and saw no one. I had loved her so much, I had loved her so madly. Good God! how I had loved that woman!”

“You went to the street, to the house in it?” I said.

“Yes,” he answered.

“One day I went to Cumnor Street. I could not help it; I was tortured with doubt. I knocked at the door, and a respectable-looking woman opened it to me. I asked her if she had any rooms to let. ‘Well, sir’, she replied, ‘the drawing-rooms are supposed to be let; but I have not seen the lady for three months, and as rent is owing on them, you can have them.’ — ‘Is this the lady?’ I said, showing the photo-graph. ‘That’s her, sure enough,’ kshe exclaimed; ‘and when is she coming back, sir?’

No dia seguinte recebi uma carta sua. Devolvi-a sem abrir e parti para a Noruega com Alan Colville. Um mês depois

voltei, e a primeira coisa que li no *Morning Post* foi a morte de Lady Alroy. Apanhara um *golpe de ar* na Ópera e morrera, cinco dias após, de congestão pulmonar. Tranquei-me em casa, sem ver ninguém. Eu a tinha amado tanto, tão loucamente! Santo Deus, como eu tinha amado aquela mulher!”

— Você foi à tal casa daquela rua?

— Fui — respondeu. — Um dia eu fui a Cunnor Street. Não houve outro jeito, eu estava torturado pela dúvida. Bati à porta, e uma mulher de aspecto respeitável veio abri-la. Perguntei-lhe se havia quarto para alugar, e ela respondeu:

— “Bem, meu senhor, os *quartos da frente* parece que estão alugados; mas, como há três meses não vejo a senhora *que os alugou*, e os aluguéis não foram pagos, o senhor pode ocupá-los.” — “É esta a senhora?” — perguntei, mostrando-lhe o retrato. — “É ela mesma, sem dúvida — respondeu —, e quando é que volta?”

“Ela escreveu-me uma carta no dia seguinte; devolvi-lha sem abrir, e viajei para a Noruega em companhia de Alan Colville. Voltei um mês depois, e a primeira coisa que se me deparou no *Morning Post* foi a notícia da morte de Lady Alroy. Apanhara um resfriado na Ópera e morrera, em cinco dias, de congestão pulmonar. Tranquei-me em casa e não quis ver ninguém. Eu amara-a tanto, amara-a tão desesperadamente! Santo Deus! como eu amara aquela mulher!”

— Você foi àquela rua, à tal casa? — indaguei.

— Fui, — respondeu ele.

“Um dia, fui a Cunnor Street. Não podia deixar de fazê-lo; torturava-me a dúvida. Bati à porta, e uma mulher de aspecto respeitável *abriu-ma*. Perguntei-lhe se tinha quartos para alugar.

“— Bem, senhor, — tornou ela, — as salas deveriam estar alugadas; mas faz três meses que não vejo a senhora, e como o aluguel não foi pago, pode ficar com elas.

“— É esta a senhora?” — perguntei, mostrando a fotografia.

“É, sim, é ela mesma,” — exclamou a mulher; “— e quando vai voltar, cavalheiro?”

A equivalência natural e imediata para “catch a chill” é “pegar ou contrair um resfriado”. (“A chill is a mild illness which can give you a slight fever and headache. He caught a chill while performing at a rain-soaked open-air venue”; *Collins Cobuild English Dictionary*, 1995, p. 273). A tradução de Aurélio e Rónai para “She had caught a chill at the Opera” como “Apanhara um golpe de ar na Ópera”, é um desvio do original, talvez até um erro, embora não chegue a comprometer o sentido do original. Os mesmos tradutores adotam um registro mais baixo e informal, ao traduzirem “I could not help it” por “Não houve outro jeito” e se afastam do original quando optam por “quartos da frente” como tradução para “Drawing-rooms”, talvez em decorrência da suposição de que as salas geralmente ficam na parte da frente do imóvel. A dupla de tradutores, logo adiante, faz a inserção de uma oração inexistente no original, quando traduzem “but I have not seen the lady for three months” por “como há três meses não vejo a senhora *que os alugou*”, possivelmente com o objetivo de maior clareza, embora sem necessidade.

Em “abriu-ma”, Cajado mantém na tradução a uniformidade do registro elevado e arcaico.

— *‘The lady is dead,’ I replied. ‘Oh, sir, I hope not!’ said the woman; ‘she was my best lodger. She paid me three guineas a week merely to sit in my drawing-rooms now and then.’ — ‘She met some one here?’ I said; but the woman assured me that it was not so, that she always came alone, and saw no one. ‘What on earth did she do here?’ I cried. ‘She simply sat in the drawing-room, sir, reading books, and sometimes had tea,’ the woman answered. I did not know what to say, so I gave her a sovereign and went away. Now, what do you think it all meant? You don’t believe the woman was telling the truth?’*

“I do.”

“Then why did Lady Alroy go there?”

“My dear Gerald,” I answered, “Lady Alroy was simply a woman with a mania for mystery. She took these rooms for

the pleasure of going there with her veil down, and imagining she was a heroine. She had a passion for secrecy, but she herself was merely a Sphinx without a secret.”

“Do you really think so?”

“I am sure of it,” I replied.

He took out the morocco case, opened it, and looked at the photograph. “I wonder?” he said at last.

— “Ela morreu” — disse-lhe. — “Oh, senhor, espero que não. Era a minha melhor inquilina. Pagava-me três guinéus por semana apenas para sentar-se nos aposentos uma vez ou outra.” — “E encontrava-se com alguém aqui?” - indaguei; mas a mulher asseverou-me que não, que ela sempre vinha só, e não recebia ninguém. — “Então que é que ela fazia aqui?” — “Simplesmente sentava-se, lia, e algumas vezes tomava chá”, — respondeu a *dona da casa*. Eu não soube que dizer; dei-lhe um soberano⁴ e retirei-me. Agora, que pensa você de tudo isso? Acredita que a mulher dizia a verdade?

— Acredito.

— Então por que é que Lady Alroy ia lá?

— Meu caro Geraldo — respondi —, Lady Alroy era nada mais nada menos que uma mulher com a mania do mistério. Alugou aqueles quartos pelo prazer de ir lá com o seu véu descido e imaginar-se uma heroína. Tinha a paixão do sigilo, mas não passava, ela mesma, de uma esfinge sem segredo.

— Você pensa realmente assim?

— Tenho certeza.

Ele tirou do bolso o estojo de marroquim, abriu-o, e olhou para a fotografia.

— Será mesmo? — disse por fim.

“— A senhora morreu,” — retruquei.

“— Não me diga!” — voltou a mulher; “— era a minha melhor inquilina. Pagava-me três guinéus por semana, só para ficar sentada nas minhas salas de vez em quando.”

“— Encontrava-se aqui com alguém?” — perguntei.

A mulher assegurou-me que não, que ela *ia* sempre sozinha

e não via ninguém.

“— Mas, afinal de contas, que fazia ela aqui?” — bradei.

“— Sentava-se apenas na sala, lendo livros, e, às vezes, tomava chá.”

Como eu não soubesse o que dizer, dei-lhe um soberano e saí.” — Ora bem, que lhe parece tudo isso? Acredita que a mulher estivesse falando verdade?

— Acredito.

— Nesse caso, por que ia lá Lady Alroy?

— Meu querido Gerald, — atalhei, — Lady Alroy era tão somente uma mulher com mania de mistério. Alugava as salas pelo prazer de visitá-las com o rosto velado, a imaginar-se uma heroína. Tinha a paixão do segredo, mas não passava de uma Esfinge sem segredo.

— Acha?

— Tenho certeza.

Ele tomou da carteira de marroquim, abriu-a e considerou a fotografia.

— Será? — murmurou, afinal.

D - Conclusão

Considerando a peculiaridade da tradução como uma entidade autônoma intimamente vinculada ao original, a análise e avaliação das traduções deve levar em conta dois aspectos distintos, embora em estreito relacionamento: (a) no plano autônomo, a *qualidade textual*, que enfatiza a construção do novo texto ou a textualização, e (b) no plano dependente, a qualidade enquanto tradução, que considera, principalmente, os aspectos de equivalência.

1- Ambas as traduções apresentam boa qualidade textual, com uma nítida tendência dos tradutores para o “princípio da livre escolha”, através da utilização de palavras e expressões pouco usuais, às vezes descambando para o arcaísmo, principalmente da parte de Cajado. Talvez num esforço deliberado de reproduzir o linguajar e

o formalismo da época, predominantes na nobreza e nas classes sociais mais elevadas, parece que as duas traduções se revestem de um grau de sofisticação superior ao do original, situação prevista por Costa como não muito comum, mas possível. Sob esse enfoque, os dois textos traduzidos se enquadrariam na tipologia de Costa como “traduções mais do que adequadas”, ou seja, aquele tipo que “parece melhor do que o original”.

2- A comparação mais ou menos minuciosa das traduções comprova a afirmação de Costa de que os textos traduzidos, assim como os originais, sempre apresentam uma qualidade irregular, ou seja, mesmo as melhores traduções podem apresentar sérias deficiências em algumas de suas partes. Assim, as duas traduções, apesar de boas de um modo geral, em termos de sua equivalência com o original, contêm certos desvios em relação ao texto em inglês, que talvez pudessem ser consideradas como “erros”, não fosse o nível geral da qualidade dos textos traduzidos e o próprio renome dos tradutores.

Ambas as traduções tendem a adotar um nível de formalidade superior ao do original, principalmente a de Cajado, que opta por uma nítida elevação do registro. A própria contagem das palavras já sugere essa propensão, pois as traduções apresentam maior quantidade de palavras do que o original, sendo a de Cajado a que contém o maior número. Ainda que sem uma quantificação exata, parece que as inserções, omissões e desvios em geral são mais frequentes em Aurélio e Rónai, do que em Cajado, denotando maior grau de liberdade em relação ao original.

As conclusões básicas são de que, de fato, é possível haver várias traduções de boa qualidade de um mesmo original, com as diferentes traduções se complementando mutuamente e, mais do que isto, expandindo e enriquecendo o original.

Notas

1. *tóris* (em inglês, *tories*): conservadores, membros do Partido Conservador, na Inglaterra.
2. Bois: Bois de Boulogne.
3. *ma belle inconnue* (francês): minha bela desconhecida.
4. *soberano*: a libra esterlina.

